



**NA CASA, NA RUA, NA FUNDAÇÃO: DESCOMPASSOS ENTRE O  
REPERTÓRIO CULTURAL DE ADOLESCENTES PRIVADOS DE  
LIBERDADE E AS PROPOSTAS CULTURAIS DA FUNDAÇÃO CASA<sup>1</sup>**

**AT HOME, ON THE STREETS AND AT THE FOUNDATION: UNBALANCES  
BETWEEN THE CULTURAL REPERTOIRE OF ADOLESCENTS DEPRIVED  
OF LIBERTY AND THE CULTURAL ACTIVITIES AT FUNDAÇÃO CASA**

<i>Recebido em</i>	31/05/2023
<i>Aprovado em:</i>	13/07/2023

**Clarice Greco Alves<sup>2</sup>**

**José Antônio de Oliveira<sup>3</sup>**

**RESUMO**

Este artigo visa refletir sobre a sintonia entre o repertório cultural de adolescentes privados de liberdade na Fundação CASA e as atividades socioculturais propostas pela instituição. A pesquisa empírica teve duas etapas: sendo a primeira a análise de dados de vivência social e consumo de arte e cultura de 87 adolescentes em cumprimento de medida provisória no CASA Topázio, no complexo Brás e a segunda entrevistas com 15 adolescentes em cumprimento de medida de internação na CASA Rio Tâmis, no mesmo complexo. Os resultados mostram lacunas e dificuldades na aplicação de medidas que dialoguem com o gosto e o *habitus* destes adolescentes, além de haver pouca autonomia e poder de escolha sobre as atividades culturais propostas pela instituição.

<sup>1</sup> Pesquisa realizada com bolsa PROSUP-CAPEP

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). Doutora e mestre pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Co-coordenadora do Grupo de Estudos de Análise de Produtos Audiovisuais (GRUPA). E-mail: [claricegreco@gmail.com](mailto:claricegreco@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). Mestre pela mesma Instituição. Graduado em Ciências Sociais pela Metodista de SP e em Serviço Social pela UNIP. Atualmente é servidor público como Assistente Social na Prefeitura de São Paulo, tendo atuado por oito anos como educador na Fundação CASA de São Paulo. E-mail: [lagoaoli39@gmail.com](mailto:lagoaoli39@gmail.com).



**PALAVRAS-CHAVE:** Repertório cultural; Gosto; Socialização; Adolescentes; Fundação CASA.

### ABSTRACT

This article aims to reflect on the harmony between the cultural repertoire of adolescents deprived of liberty at Fundação CASA and the sociocultural activities proposed by the institution. The empirical research had two stages: the first analysis of data on the social experience and consumption of art and culture by 87 adolescents in compliance with a provisional measure at CASA Topázio, in the Brás complex, and the second interview with 15 adolescents in compliance with a detention measure at CASA River Thames, in the same complex. The results show gaps and difficulties in applying measures that dialogue with the taste and habitus of these adolescents, in addition to having little autonomy and power of choice regarding the cultural activities proposed by the institution.

**KEYWORDS:** Cultural repertoire; Taste; Socialization; Teenagers; CASA Foundation.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo analisar as relações entre o repertório cultural de adolescentes internos da Fundação CASA<sup>4</sup> e as atividades socioculturais propostas pela instituição, com apoio nos seguintes objetivos específicos: investigar os hábitos culturais dos adolescentes antes do ingresso na Fundação CASA; ouvir os adolescentes sobre seus gostos e aspirações culturais e averiguar a pertinência ou desalinhamentos com as propostas ofertadas pela instituição.

Vale ressaltar que o presente artigo sintetiza os resultados de pesquisa de mestrado de um dos autores que atuava, na época da realização da pesquisa, como agente educacional na Fundação CASA nas duas unidades em que houve a coleta de dados.

---

<sup>4</sup> Fundação CASA – sigla para o Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente. doravante denominada apenas Fundação CASA.



Portanto, o texto faz uso, em alguns momentos, de observações pessoais apreendidas ao longo de oito anos de convivência próxima e diária com os adolescentes, na função de educador, acompanhando a ressocialização dos jovens.

Conforme veremos em detalhes na descrição da metodologia, a pesquisa empírica foi realizada em dois prédios da instituição, dentro do mesmo complexo. No primeiro prédio, de internação provisória, chamado CASA Topázio, analisamos dados secundários presentes nos relatórios pedagógicos de um grupo amostral de 87 adolescentes que passaram pela Fundação CASA-SP entre 2019 e 2020. No segundo, denominado CASA Rio Tâmis, de internação por tempo indeterminado (entre 6 meses e 3 anos), foram realizadas entrevistas individuais com 15 adolescentes.

A Fundação Casa de São Paulo é uma autarquia fundacional sem fins lucrativos, criada pelo governo do Estado, com finalidade socioeducativa para reintegração social de adolescentes entre 12 e 18 anos, excepcionalmente até 21 os anos de idade. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA (1990) (ao longo do texto será denominado apenas ECA), quando adolescentes cometem atos infracionais na sociedade e são apreendidos pela polícia, em flagrante ou por meio de mandado judicial de busca e apreensão, passam a ser tutelados pelo Estado e cumprem medida socioeducativa. A instituição oferece regularmente atividades educativas formais, conforme preconizado pelo ECA como direito do adolescente. Com menor regularidade, são ofertadas também atividades recreativas, culturais e artísticas, cuja aplicação, relevância e aproveitamento foram objetos deste artigo.

A socioeducação dos adolescentes, socialmente corretiva aos padrões estabelecidos, resulta de práticas exercidas durante o período de internação, acrescidas às experiências prévias de socialização destes jovens. A introdução cultural no processo socioeducativo dentro da Fundação de acesso é pensada enquanto possibilidade socializadora. Enquanto grande parte dos estudos sociológicos sobre jovens em conflito com as leis abordam o contexto social das infrações (FRANCISCO; MARTINS, 2014) ou problemas de gestão pública (MALLART, 2014; OLIC, 2013), este artigo preenche uma lacuna ao dialogar com áreas como a cultura e a comunicação para lançar luz sobre o



adolescente como cidadão cultural. Segundo Canclini (1999) é possível desenvolver uma “cidadania cultural” ou prática cidadã por meio do consumo cultural em suas diversas possibilidades.

Iniciaremos com reflexões teóricas sobre o gosto e o *habitus* (BOURDIEU, 2007) dos adolescentes, o contexto sociocultural desses jovens e o papel da Fundação na socialização e ressocialização (GIDDENS, 2001). Em seguida, após descrição da metodologia, discutiremos dados sociodemográficos e de repertório cultural, coletados em relatórios internos da instituição. Por fim, apresentamos as percepções dos adolescentes sobre as atividades culturais concedidas em entrevistas individuais.

## 2 SOCIALIZAÇÃO, GOSTO E LIBERDADE DE ESCOLHA

A formação e vivência do indivíduo no tecido social estão ligadas aos processos de socialização, desde o seio familiar à interação na esfera pública. Giddens (2001) especifica duas etapas do processo de socialização do sujeito, influenciada por diferentes agentes socializadores. A primeira etapa se dá na infância e seria o período de maior aprendizagem cultural do ser humano, incluindo aquisição de linguagem, comportamentos, convívio familiar e social. O segundo período, ou socialização secundária, começa na fase mais madura do sujeito: o final da infância e início da vida juvenil, fase em que grupos de diferentes instituições socializadoras (como por exemplo, as redes sociais, a escola, o trabalho, a comunidade, as interações artísticas e culturais) contribuem para a bagagem de valores, normas e crenças que são agregadas à realidade cultural na qual o indivíduo está inserido. Nesse sentido, as vivências e o repertório cultural das crianças e jovens da periferia formam a identidade e repercutem nas experiências de socialização e no gosto destes indivíduos.

O gosto, segundo Bourdieu (2007), está ligado a um lugar de pertencimento do indivíduo no espaço social, a um *habitus*, funcionando como marcador de distinção de classes. O *habitus* seria como um conjunto de regras duráveis, transferidas de geração em geração, apreendidas e reproduzidas automaticamente por meio das socializações. O



*habitus* e suas regras próprias seriam ensinados e reproduzidos, levando a uma espécie de legitimação do gosto das classes sociais entre os dominantes e dominados: os que possuem e os que não possuem os capitais (econômicos ou simbólicos) que diferenciam os sujeitos e as classes. O conceito de *habitus* muito contribuiu para o campo da sociologia e da comunicação social, pois identifica, assim como as *mediações* de Martín-Barbero (2001), processos derivados das relações sociais que influenciam, ou mesmo determinam, os modos culturais e comunicacionais de uma sociedade.

Assim, por meio do gosto e do repertório cultural, o sujeito se considera integrado a uma comunidade. Esse sentimento de pertença está intimamente ligado à socialização. Desde a infância até a vida adulta, as formas pelas quais estes indivíduos constroem seus gostos, atribuem funções e emitem julgamentos a bens culturais, formando comunidades de sentimento, compõem o repertório cultural e a identidade destes sujeitos (HALL, 2006).

A noção de distinção, de capital simbólico e do gosto construído socialmente (BOURDIEU, 2007) são relevantes, pois permeiam as bases teóricas e sociológicas do nosso objeto de pesquisa. O gosto e as práticas culturais dos jovens se mostram compatíveis com a realidade de pobreza e ofertas de acesso limitado a bens de consumo e produtos de uma cultura identificada com as elites em que se encontram nos seus espaços urbanos de habitação e sociabilidade.

Quando falamos de adolescentes nos referimos ao recorte de adolescentes paulistas, em sua maioria, negros, pobres e periféricos, que se encontram privados de liberdade por terem cometido ou serem suspeitos de cometer atos infracionais. Estes jovens privados de liberdade, com suas falas recheadas de gírias próprias da faixa etária, seus lugares de origem e traços culturais, se refletem no modo de se vestirem, de se apresentarem e de se alimentarem. Estes sujeitos são formados na e pela sociedade brasileira e fazem parte das classes numerosas e desfavorecidas que apresentam suas fragilidades nas desigualdades e suas mazelas sociais, como má qualidade na educação, saúde, falta de condições de vida digna, falta de oportunidades do primeiro emprego, para a maioria dos jovens, falta de políticas culturais democráticas de inclusão e acesso aos



bens artísticos e culturais, visando uma vivência comunitária sadia e promotora de cidadania.

Estes flagelos são marcas de sociedades com baixo grau de desenvolvimento econômico, social e cultural, ou seja, sociedades que apresentam altos níveis de desigualdades sociais pautadas na má distribuição das diversas riquezas socialmente produzidas, inclusive as culturais. Marzochi (2014), pesquisadora que desenvolveu pesquisa com adolescentes da Fundação CASA em Campinas/SP, constatou que “o lugar social que o jovem ocupa é que vai determinar, em parte, os limites e as possibilidades com os quais constrói uma determinada condição juvenil” (p. 54). Essa afirmação condiz com as interpretações de nossa pesquisa, pela qual observamos fragilidades apresentadas pelos jovens entrevistados, que trazem suas mazelas sociais para a Fundação CASA e lá dentro, às vezes, agregam outras questões de exclusão e escassez enquanto cumprem medida socioeducativa.

Quando um jovem comete ato infracional ele perde a liberdade, por período delimitado, sendo apreendido pelas autoridades e tutelado pelo Estado. Esses adolescentes são, portanto, retirados de seus lugares de socialização para serem alocados nos limites da Fundação CASA. Esta instituição lhes impõe regras e limites rigorosos. Enquanto atuou como agente educacional na Fundação CASA, um dos autores deste artigo observou que os adolescentes relatam constantemente o desejo de ir embora para a rua e para as suas famílias o quanto antes.

Nas falas, gestos, sentimentos, olhares e expressões dos jovens que se encontram na tutela do Estado, fica evidente a falta que sentem dos espaços representados por aquilo que DaMatta (1986) denomina ‘casa’ e ‘rua’, sinônimos de ser e estar, em meio aos seus familiares e amigos. O autor aborda as noções de casa e rua como lugares rotineiros, cumpridores de direitos e deveres. Assim, “casa e rua são mais que meros espaços geográficos. São modos de ler, explicar e falar do mundo” (DAMATTA, 1986, p. 29).

O sentido de casa empregado por DaMatta vai além de um lugar onde dormimos, comemos e nos abrigamos do frio e da chuva, mas se refere, também, a um lugar que marca a identidade de um grupo que ali reside. Os adolescentes privados de liberdade



têm, portanto, a casa e a rua no mesmo espaço: a Fundação CASA. As relações sociais passam a ser restritas nesse espaço de confinamento e as opções de vivências e práticas artísticas e culturais são limitadas, havendo a perda de agência (escolha individual) de pertencimento a grupos sociais com os quais estavam habituados a se socializarem. Desse modo, a socialização destes adolescentes não é rompida por completo, sendo reformulada e denominada de ressocialização. Ainda assim, os adolescentes privados de liberdade formam outros grupos dentro do ambiente institucional para a criação de laços afetivos, limitados no espaço-tempo, enquanto cumprem medida socioeducativa. Vale lembrar que o emblema da Fundação faz alusão ao desenho de uma casa.

No entanto, ao serem privados de suas liberdades e da continuidade de socialização com o ambiente externo, eles têm retirada de si parte significativa da essência humana: o poder de escolha. Os produtos culturais e artísticos aos quais os jovens têm acesso são, agora, mediados por terceiros. A exposição de filmes, programas de TV, oficinas de arte e cultura, palestras, músicas, leituras, jogos esportivos etc. são escolhidos previamente e aplicados por profissionais encarregados. As práticas homogeneizantes se estendem para as roupas e chinelos idênticos, a mesma refeição industrializada e embalada, disposta em bancadas de cimento na hora da refeição, inclusive a reza do “pai nosso” como agradecimento pela comida, devendo ser verbalizada por todos. Os deslocamentos são pariformes, a exemplo da fila única e organizada para se locomoverem pelos diversos espaços de convivência, como ida ao banheiro nos horários programados, refeitório, salas de aula, quadra esportiva, dormitórios etc. Isso significa que a privação de liberdade dos adolescentes não se reduz à perda do direito de ir e vir, mas também se efetiva com a presença de funcionários acompanhando por 24 horas suas ações durante a rotina institucional onde se cumpre medida socioeducativa.

Portanto, a estadia dos adolescentes na Fundação CASA é envolta por práticas disciplinadoras que não levam em consideração as aspirações dos adolescentes, seus gostos, habilidades, dificuldades e suas identidades, reduzindo o poder de escolha e o potencial de reflexão ou ampliação de repertório cultural.



### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa mais ampla, realizada no âmbito da Fundação CASA, por meio de entrevistas semiestruturadas, durante programa de mestrado em comunicação. Os dados foram coletados em duas etapas: dados de questionário pré-existent na Fundação e entrevistas individuais.

A primeira etapa foi o levantamento das experiências culturais de 87 adolescentes que passaram pela Fundação CASA, Centro Topázio, localizada no complexo Brás, na capital paulista, entre 2019 e 2020. Os dados são, portanto, de fonte secundária, advindos de relatórios que se encontram em arquivos de computadores do setor pedagógico localizados na unidade. A análise dos dados de questionário tem caráter quantitativo, com vias a traçar o perfil socioeconômico dos adolescentes e suas preferências culturais em comum.

A segunda etapa foi a realização de entrevistas, guiadas por roteiro de perguntas abertas, semiabertas e fechadas, aplicadas a um grupo amostral de 15 adolescentes em conflito com a lei, perante uma população de 73 jovens internados no Centro Rio Tâmis. A seleção dos entrevistados buscou contemplar jovens de todas as idades, chegando ao seguinte grupo amostral: um adolescente com 14 anos de idade, seis com 15 anos, um com 16 anos, três com 17 anos, dois com 18 anos e por último, dois com 20 anos. Não havia na unidade em questão nenhum adolescente com 13 ou 19 anos de idade. Assim, todas as faixas etárias de adolescentes internados, de uma população total de setenta e três, foram contempladas neste trabalho de campo.

As entrevistas foram realizadas em outubro de 2021. Ainda que concordemos com Gil (2008, p. 113) sobre a entrevista ser um diálogo assimétrico em que “uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”, buscamos nos alinhar à definição de Creswell (2010, p. 73) sobre “substanciar o problema de pesquisa,





mas não restringir os pontos de vista dos participantes”. O trabalho de campo respeitou questões legais, éticas, morais e sigilosas pertinentes à pesquisa quando envolve seres humanos, em especial por se tratar de sujeitos privados de liberdade em conflito com a lei, em condições peculiares por se encontrarem em fase de crescimento e desenvolvimento (ECA, 1990). A análise das entrevistas é de caráter qualitativo, ou seja, não ambiciona a generalização de seus resultados, mas se presta a testar hipóteses e ser laboratório de experiências que posteriormente possam ser reproduzidas (LOPES, 2005).

Importa acrescentar que a pesquisa em questão foi desenvolvida entre 2019 e 2020, durante as restrições sanitárias impostas pelas autoridades de governo e de saúde, em decorrência da pandemia causada pelo novo coronavírus (Covid-19). Nesse período, a maioria das atividades educativas, artísticas e culturais foi suspensa por 18 meses e algumas passaram a ser ministradas virtualmente na sala de informática e por via remota.

Os dados foram obtidos após longo processo de autorização judicial, para fins de pesquisa, o que reafirma o ineditismo do presente artigo.<sup>5</sup> A pesquisa de campo foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade em que foi desenvolvida, pelo gabinete da Fundação CASA de São Paulo e pela Vara da Infância e da Juventude no fórum da capital.

#### **4 PERFIL DOS ADOLESCENTES NA FUNDAÇÃO CASA**

As informações coletadas e apresentadas referem-se à amostra de 87 adolescentes, entre 13 e 18 anos de idade<sup>6</sup>, cumprindo medida em uma CASA-Centro de Atendimento

---

<sup>5</sup> O processo de autorização completa levou cerca de 18 meses, com início da solicitação para pesquisa em abril de 2020, até autorização formal pela juíza Cindy Covre Rontani Fonseca, em 22 de março de 2021. O processo foi realizado junto ao fórum da infância e da juventude, com ciência do ministério público, defensoria pública e da própria Fundação CASA, na comarca do Fórum do Brás, em São Paulo capital. Por fim, o recolhimento dos termos de consentimento para entrevistas individuais foi finalizado entre setembro e outubro de 2021.

<sup>6</sup> A Fundação CASA abriga infratores entre 12 e 18 anos de idade. Porém, na nossa amostra de 87 questionários analisados não havia nenhum adolescente com 12 anos.



Socioeducativo ao Adolescente, de nome fantasia Topázio, localizada no complexo Brás, na capital paulista. Todos os jovens em questão foram entrevistados individualmente no momento de seu ingresso na instituição, para a produção de relatório pedagógico conclusivo que dá subsídio à decisão judicial em audiência. O levantamento se refere ao período de janeiro de 2019 a fevereiro de 2020. De posse dos arquivos, foi feito levantamento com recorte sobre consumo cultural e lazer vivenciados por eles anteriormente à entrada na Fundação CASA.

Os dados apresentados aqui se referem, portanto, à história de vida narrada por cada jovem ao ser entrevistado quando chega à Fundação. Cabe salientar que neste trabalho não consta qualquer informação referente às possíveis pendências que os adolescentes tenham com a justiça. Serão respeitadas a privacidade e a intimidade sobre informações e dados pessoais. Nosso empenho é no sentido de conhecer, apresentar e refletir sobre o repertório de acesso, consumo e produção artístico e cultural dos jovens privados de liberdade.

Além dos marcadores sociais familiares e habitacionais, propusemo-nos a conhecer também o circuito de lazer e entretenimento, a fim de compreender o repertório cultural dos adolescentes em questão. Apresentaremos a seguir os pontos dos relatórios individuais que permeiam o âmbito do consumo cultural para refletir sobre a construção do *habitus* (BOURDIEU, 2007) e da identidade cultural (HALL, 2006) desses sujeitos.

Iniciamos a análise com o perfil sociodemográfico dos pesquisados antes de entrarem na Fundação, a saber: faixa etária, núcleo familiar, cidade que habita, escolaridade. Por fim, analisaremos dados sobre o gosto musical e de acesso a cinema, museu e teatro.

Neste grupo de 87 pesquisados não houve a presença de adolescente com 12 anos de idade. Entre os 13 e 14 anos foi observado um empate na quantidade apresentada, sendo menor que 10% para cada faixa. Na faixa de 15 anos de idade contabilizou-se próximo dos 16% do grupo. A maior parte dos pesquisados se encontra na faixa entre 16 e 17 anos de idade, representando respectivamente cerca de 32% e 36% para cada faixa do total estudado. Assim como não foi encontrado nenhum adolescente na faixa de 12



anos completos, também não houve a presença de jovem nesse grupo pesquisado com 18 anos completos e nem acima dessa idade, até o limite dos 21 anos.

Outro aspecto avaliado foi o contexto familiar. Demeterco (2009) reforça a necessidade de continuarmos, no século XXI, os debates sobre a família, a criança, a adolescência e a juventude. Nesse quesito, os questionários apontam que a maioria dos adolescentes (53%) convivia apenas com a genitora antes de serem transferidos para a Fundação CASA. Depois, aparecem os que viviam com pai e mãe (18%) e os que moravam apenas com os avós (12%). Os que moram com o pai, irmãos ou namorada ficam em torno de 5% do grupo total de 87 adolescentes, ao passo que os que moram sozinhos ou institucionalizados no SAICA<sup>7</sup> (Serviço de Acolhimento Institucional à Criança e ao Adolescente), ficam perto de 1% do total.

Entre os 15 entrevistados, os dados se alteram um pouco: 73,3% (11) residiam com a genitora e 26,7% (4) com o genitor. Nenhum dos 15 adolescentes entrevistados morava com pai e mãe. As informações acima corroboram com assertivas que apontam para mudanças de reconfiguração na formação de novos modelos de famílias (FEIJÓ; ASSIS, 2004, p. 160), se opondo ao tradicional, patriarcal e nuclear que prevaleceu na sociedade por séculos. As novas famílias podem ser chamadas de extensas, alternativas e diversas no seu modelo de formação contemporâneo.

Em relação ao local de residência, os 87 jovens pesquisados são moradores de 32 cidades do estado de São Paulo, sendo que 40 jovens (46%) residem na capital e os demais (54%) são oriundos de outras 31 cidades da região metropolitana e do interior do estado. Já os 15 adolescentes entrevistados na pesquisa de campo, 14 deles (93,3%) são moradores da capital paulista, sendo que 12 deles (80%) disseram residir na periferia de São Paulo, dois (13,3%) são moradores da região central e apenas um (6,7%) é natural da cidade de Suzano/SP, na grande São Paulo. Os adolescentes são moradores de

---

<sup>7</sup> SAICA é um serviço institucional fomentado pelo governo municipal de São Paulo, para acolher crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade familiar e social.



comunidades e de bairros pobres, afastados do centro da capital paulista. Ou seja, são jovens originários de bolsões de pobreza em meio a ilhas de riqueza na cidade mais rica e populosa do Brasil. Corroborando Aboboreira e Borelli (2021):

Dentro da mesma cidade, encontram-se várias cidades, e as distinções da vida entre regiões, distritos e bairros diversos, nos quais as áreas de ausências combinam infraestrutura precária, altos índices de violência, transporte público deficitário, entre outras condições (ABOBOREIRA; BORELLI, 2021, p. 213).

Assim, a desigualdade social se perpetua, prevalecendo a sobrevivência dos grupos familiares responsáveis pelos jovens aqui estudados (ASSIS; FEIJÓ, 2004). Também Castilho (2010), ao falar da questão da criança e do adolescente no Brasil, retoma a vinda dos Europeus ao País e cita Darcy Ribeiro, quando fala sobre o crescimento da quantidade de crianças “enjeitadas”, frutos de relacionamentos eventuais nos primeiros séculos de colonização brasileira e a não formação de núcleo familiar, criando-se a chamada “roda dos enjeitados” nas Santas Casas de Misericórdia espalhadas pelo País. Para Castilho (2010), a Fundação CASA pratica uma versão moderna da roda de enjeitados, servindo de “depósito” para crianças e adolescentes.

No que se refere à educação formal, o grupo se apresentou heterogêneo em relação ao ano/série escolar de matrícula. Entre os 87 questionários, foi apontado que 77% dos 87 jovens têm histórico de reprovação por excesso de faltas e notas insuficientes durante o ano letivo em que se encontravam frequentando a educação básica. A evasão escolar também reflete altos índices de abandono, sendo que 60% dos adolescentes pesquisados já apresentaram tal histórico com diversas alegações para o fato, como, indisciplina escolar, desmotivação e priorização do trabalho.

Esses lapsos chegam a outros níveis do arcabouço teórico e cultural desses sujeitos, uma vez que a escola lhes apresenta conteúdos atribuídos a uma intelectualidade projetada pelas e para as classes mais altas – logo, fora de seu contexto, da sua classe, a partir de exemplos e fatos que lhes desinteressam. Kruppa (1991) diz que: “Se o conhecimento da escola se distancia das necessidades da vida dos alunos, impedindo que



eles o assimilarem, o resultado escolar será marcado necessariamente pela expulsão daqueles que deveriam dominar esse conhecimento.” (p. 31). Assim, quando os conteúdos aplicados na escola não fazem parte da realidade prática dos sujeitos da classe baixa, recai-se sobre a problemática que Bourdieu (2007) vai classificar como “violência simbólica”.

A omissão escolar se reflete não apenas nos dados, mas na rua e até nas peles e corpos destes sujeitos. Certa vez, um jovem em cumprimento de medida apresentou no seu pescoço uma tatuagem com a seguinte frase: “A mãe trabalha, a escola falha, a rua educa e o crime recruta”. O jovem em questão expressou a sua realidade que infelizmente não é somente a sua, mas de muitos jovens em situação análoga.

A educação no seu sentido amplo vai além do conceito de escolarização formal em unidades escolares. Na contemporaneidade, pautada por uma sociedade complexa e dinâmica, encontram-se diversos nichos educadores e formadores para o acesso, produção e consumo aos bens materiais, simbólicos e vínculos afetivos, geradores de relações de sociabilidade interpessoal para além do binômio família-escola (KRUPPA, 1991). São exemplos os produtos culturais, artísticos e midiáticos presentes na TV, no cinema, no rádio, na literatura, na cibercultura e suas redes sociais, entre outros, configurando-se como espaços e lugares de vivências culturais.

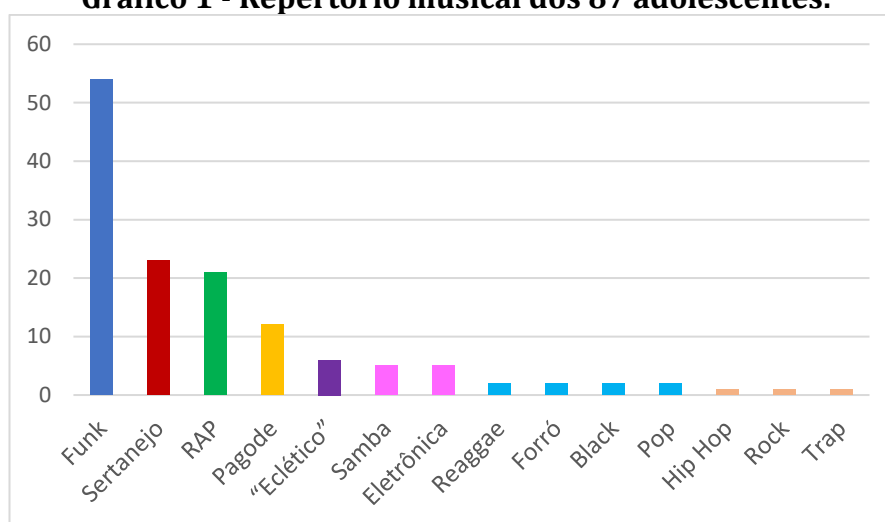
## 5 A MÚSICA COMO CULTURA POP PERIFÉRICA

Com a popularização da internet nas últimas duas décadas do século XXI, no Brasil, é possível observar que existe um direcionamento de práticas culturais musicais que se articulam para além dos meios comunicacionais massivos, outrora hegemônicos, como TV, rádio, cinema e discografia. Há, aparentemente, uma migração para o ambiente digital, em consonância com o que Pereira de Sá identifica como *rede sócio-técnica* construída nas redes sociais, articulando com o conceito da TAR-Teoria Ator Rede de Latour (2012), para estudar o gosto musical por meio de vídeos no Youtube e seus desdobramentos enquanto cultura digital e seus arranjos. Os gêneros musicais mais



apreciados pelos adolescentes inserem-se no que a autora denomina *Rede de Música Pop Periférica*. Segundo ela, “na última década, temos acompanhado a abertura do campo de estudos musicais no Brasil a temas menos canônicos e a estudos que abordam aspectos diversos dos gêneros populares e periféricos” (2019, p. 31). Assim, a autora sugere a existência de uma espécie de ‘rótulo’ de gêneros musicais periféricos. Os dados podem ser visualizados no gráfico 1.

**Gráfico 1 - Repertório musical dos 87 adolescentes.**



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Fundação CASA.

Os dados sobre os adolescentes nos apontam predileção pela música brasileira, principalmente, em seus diversos gêneros e subgêneros. Mais de 60% do grupo pesquisado disseram gostar de funk, sendo este o estilo preferencial. Apesar disso, a maioria dos jovens também gosta de outros gêneros musicais. O funk vem seguido de perto pelo sertanejo e rap, apontando 26% e 24% de indicação, respectivamente, como segundo e terceiro estilos musicais mais ouvidos pelos adolescentes. O pagode, a música eletrônica e o samba puxam a gama de variedade de estilos preferidos (mesmo que estes se apresentem com percentual menor que 10% da preferência musical). O forró, o rock, o hip hop, o *trap* (mistura de música eletrônica com rap), o *reggae*, a música *black* e o pop



também têm adeptos, obtendo aproximadamente 1% e 2% de respostas para cada categoria musical.

Chama atenção a esmagadora predominância de estilos nacionais, dando indícios do recorte de classe que acompanha a noção de cosmopolitismo, no sentido do consumo cultural de produtos estrangeiros (BEKESAS; RIEGEL; MADER, 2016). Por outro lado, se pensarmos o cosmopolitismo do ponto de vista de Ortiz (1999, p. 85), veremos com mais clareza como “é importante compreender os momentos em que o discurso sobre a diversidade oculta questões como a da desigualdade”. É interessante ressaltar – ainda que não seja de se estranhar – a ausência de menções a estilos comumente presentes nas classes mais altas, como a chamada MPB (Música Popular Brasileira), ópera, instrumental clássica, rock internacional, entre outros.

No entanto, Sá (2019) ressalta o hibridismo dos gêneros musicais nacionais sendo influenciados pela música internacional, como é o caso do funk que é originário do *Miami Bass* e apresenta novas configurações ao se popularizar e atingir grandes públicos no Brasil. De acordo com a autora, são gêneros que têm conexão territorial com segmentos das camadas populares, seja por moradores das favelas ou de periferias das grandes cidades. Em relação à amostra analisada, foi perceptível que os adolescentes elegem estilos musicais que se articulam na sensibilidade de pertencimento as suas origens geográficas, sociais e culturais.

Assim, a identidade musical juvenil periférica se constrói em meio a várias possibilidades acionadas pelos seus pares, atores e pela cultura digital ancorada na teoria ator rede (LATOURET, 2012), fato que Sá (2019) vai nomear de *Rede de Música Pop Periférica*. Assim, os estilos musicais presentes nessa rede *pop periférica* são geralmente produzidos, veiculados e consumidos nas grandes periferias do Brasil. São, portanto, frequentemente excluídos e classificados como inferiores ao gosto musical elitizado da classe média-alta.

A identificação dos adolescentes com os estilos musicais citados tem, também, relação com as letras das músicas, que muitas vezes falam do contexto social em que estão inseridos, incluindo temas como pobreza, violência, desejo de superação, vida amorosa,



sociabilidades entre amigos e familiares, baladas, desejo de ostentação etc. Portanto, o cosmopolitismo juvenil presente na diversidade de origens das classes sociais populares se faz presente na vida cultural dos jovens por diversas possibilidades de acesso, produção e consumo de bens simbólicos imateriais e materiais, principalmente através das novas mídias e redes sociais, como acesso à internet por meio de computadores e telefonia móvel com perfis no Facebook, Instagram, Whatsapp e Youtube. Assim, se constrói uma cultura pop digital, que se consolida nas dinâmicas de interação por meio das redes de acionamento, suas tensões e vivências sociais particulares. O gosto musical é entendido, portanto, na esteira de Soares (2014, p. 1), ao afirmar que “postula-se que as linguagens dos produtos da cultura pop encenam formas particulares de fruição e engajamento, levando aos sujeitos uma vivência estética fortemente pautada pela noção de performance”. Justifica-se, assim, a preferência deles pelo funk, que tem abordado muito as questões vivenciadas ou desejadas por este público juvenil, através da letra, da melodia e da dança, principalmente.

Fica evidente que a identidade musical juvenil é atravessada pelas interações nas redes sociais midiáticas pautadas nas tensões e configurações de produção, acesso e consumo na lógica da cultura pop. Assim, é possível afirmar que a cultura pop passa pela indústria cultural, seus produtos e ferramentas, por um campo do marketing mercadológico e consolida sua audiência por meio de um público ativo e atuante nos modos de vivenciar suas práticas de compartilhamento e sociabilidade.

## 6 CINEMA, MUSEU E TEATRO

No que se refere ao acesso ao cinema, museu e teatro, a maioria dos 87 jovens que passaram pela Fundação CASA entre 2019 e 2020 já frequentaram as três opções culturais mencionadas acima, sendo que mais de 70% deles já foram ao cinema ao menos uma vez. Cerca de 30% dos jovens pesquisados nunca frequentou cinema, museu ou teatro. A ida ao cinema por parte dos adolescentes, frequentemente, envolve outras atividades de lazer para além de assistir filmes, incluindo, frequentemente, a formação de





grupo para passeio ao shopping, compras, gastronomia, lazer e diversão – os chamados “rolezinhos”.

Ademais, as vivências culturais e artísticas mais comumente relatadas nas suas comunidades são baile funk, festas em igrejas, festas de aniversário, passeios entre amigos, datas comemorativas, eventos familiares e até mesmo a presença de fábrica de cultura mantida pela prefeitura, localizada no bairro e que oferece alguns cursos e eventos culturais.

A ida ao museu e ao teatro ficou acima de 50% de frequência por parte dos jovens, conforme descrito nos relatórios pesquisados. De acordo com as respostas ao questionário, o museu e o teatro são programas culturais em que os jovens quase sempre foram em caravanas organizadas pelas escolas em que estudavam. A maioria destes passeios culturais são oferecidos pelas escolas de forma barateada ou gratuita para incentivar a participação dos estudantes nestes espaços culturais. No entanto, quando se trata, por exemplo, de excursão para parque aquático ou zoológico, em que são cobrados ingressos de acesso, além das despesas com alimentação e transporte, grande parcela dos estudantes não pode pagar para participar.

Poderíamos, portanto, pensar as iniciativas de incentivo e acesso à arte e à cultura pelas unidades educacionais públicas como voltadas a um ideal de ‘arte e cultura’ proposto e ditado por uma elite intelectual, sem diálogo com a realidade local desses jovens. Os eventos e passeios culturais promovidos pela escola são muitas vezes voltados para uma experimentação da cultura erudita, descontextualizados da realidade do seu público estudantil, uma vez que não contempla as práticas culturais populares no ambiente em que os estudantes são criados. Estes já se encontram habituados a culturas massificadas produzidas pela indústria cultural com o aval e concessão do Estado. Paulo Freire (1997), em sua proposta de *pedagogia da autonomia* ressaltou a importância da realidade social dos educandos no aprendizado. Nesse sentido, as manifestações e expressões culturais juvenis poderiam ser bem trabalhadas, trazidas para a escola, valorizadas e relacionadas às manifestações culturais elitizadas, com o intuito de reduzir



a hierarquização entre elas. Ou seja, é necessário significar e estudar a pluralidade cultural.

## 7 ATIVIDADES SOCIOEDUCATIVAS: A VOZ DOS ADOLESCENTES

Após análise dos dados armazenados no Centro de internação provisória CASA Topázio, a segunda etapa de pesquisa, com entrevistas individuais, foi realizada no Centro CASA Rio Tâmis. A alteração se justifica por tratar-se de centro de internação por tempo indeterminado (entre 6 meses e 3 anos), nos quais os adolescentes passam mais tempo e, portanto, teriam mais experiências com atividades culturais da Fundação.

Da amostra de 15 adolescentes, 11 deles (73,3%) cumpria estadia entre 2 e 6 meses em privação de liberdade, três deles (20%) se encontravam cumprindo medida socioeducativa de 8 a 11 meses e somente um jovem (6,7%) apresentou estadia de 2 anos internado na Fundação CASA. Os 15 adolescentes que compõem a amostra aceitaram conceder entrevistas individuais e presenciais, com termos de consentimento assinados por eles e pelos familiares responsáveis, com apresentação e explicação do que se tratava a pesquisa.

A dinâmica dos eventos artísticos e culturais para os adolescentes é organizada pelo setor pedagógico (pedagogos e educadores) do Centro Rio Tâmis, como seleção, inserção e troca de turmas por evento, organização de espaços físicos e acompanhamento *in loco* na administração das atividades pelos professores dos projetos parceiros de cursos/oficinas e os adolescentes participantes. A Fundação firma convênios com Organizações Não Governamentais (ONGs) e Organizações Sociais (OSs), como a Fundação Bradesco, SENAC, CENPEC e o Projeto Guri para desenvolvimento de projetos de educação cultural com os adolescentes, contemplando a ministração de cursos de iniciação à educação profissional, educação musical. Por exemplo, o Projeto Guri oferece aulas teóricas e práticas de percussão e canto-coral. Há também voluntários religiosos de diversas vertentes, os quais prestam assistência religiosa aos internos no espaço de



convívio coletivo. Ainda contam o voluntariado de presença quinzenal do grupo denominado Narcóticos Anônimos-NA.

Antes de adentrar as atividades propostas pela Fundação, foi perguntado aos entrevistados o que fazem na Fundação CASA para passar o tempo. Em geral, relataram atividades similares, como jogar bola ou exercícios físicos na quadra esportiva. Assistem ao canal de música 33, top TV, algumas vezes assistem a jogos de futebol, novelas e programas de humor na TV. Disseram que filmes e séries são assistidos por eles por meio de *pen drive* de funcionários que disponibilizam durante alguns intervalos entre uma atividade e outra da rotina ou momentos em que os jovens estão juntos, sem desempenharem outras tarefas. Participam também de aulas da educação básica regular no período da manhã, além de oficinas de leitura, artes plásticas, sexualidade e drogadiçã<sup>8</sup>, normalmente no período da tarde. Fazem a limpeza dos ambientes coletivos que ocupam, como salas, refeitórios, banheiros, corredores e dormitórios. Destacamos alguns excertos das entrevistas:

**Adolescente A:** *Eu faço curso de cavaco, culinária, desenho; assisto aulas, pratico futebol na quadra, assisto o canal 33 de música, faço curso de coral com o Guri e ajudo na assistência (limpeza dos espaços coletivos).*

**Adolescente B:** *jogo bola, dominó, dama, pingue-pongue e xadrez. Assisto TV: séries, músicas no canal 33 e futebol. Estudo o 5º ano do ensino fundamental e ajudo na limpeza.*

**Adolescente C:** *Às segundas e quartas faço coral com o Guri. Às terças e quintas tenho aula de violão com o Guri. Faço leitura na biblioteca e agora vou treinar para um campeonato de futebol que vai acontecer fora daqui.*

**Adolescente D:** *Jogo bola, faço curso de desenho e leitura. Assisto TV: séries e filmes. Ajudo na limpeza e faço administração de pessoal pelo SENAC.*

---

<sup>8</sup> Drogadiçã<sup>8</sup> é um termo genérico para explicar a dependência de pessoas às substâncias bioquímicas, relacionado à abordagem profissional sobre causas e consequências biopsicossociais que acarretam os vícios.



Suas falas não diferenciam a natureza das atividades que participam, sejam formativas (educativas), recreativas ou de lazer, ou as atividades de serviços (limpeza dos espaços coletivos). Isso pode ser associado ao já mencionado fato de que as noções de casa e rua, colocadas por DaMatta (1986), são mescladas na instituição, fazendo com que se misturem também as práticas particulares de cada ambiente. Além disso, o fato de terem tempo ocioso parece torná-los compelidos a participar de tudo que preencha o tempo livre, na intenção de serem também auxiliados, por boas avaliações, a irem para casa.

Quando perguntada a opinião sobre as atividades ofertadas na instituição, algumas respostas expressam semelhanças, como dizer que gostam 'de tudo', mas em seguida mencionam algumas que não apreciam:

**Adolescente E:** *Gosto de tudo que é oferecido. Gosto dos treinos, dos cursos de desenho e assistir TV. Não gosto da oficina de sexologia.*

**Adolescente G:** *Gosto de todas as atividades porque vão me ajudar, mas o desenho de flores (mandala) não gosto porque não sei desenhar.*

**Adolescente I:** *Gosto de todas as atividades para passar o tempo e aprender novas experiências.*

Nota-se que a apreciação por cada atividade varia, demonstrando as particularidades de cada indivíduo. Algumas atividades, como as palestras e oficinas educativas (sexologia, drogadição) têm caráter fundamental e educativo, o que justifica a obrigatoriedade de atendimento. Outras oficinas, como poesia e desenho, tocam em questões individuais de talento ou pré-disposição, como no caso do adolescente G que diz não saber desenhar. Essas respostas confirmam que mesmo com perfil sociodemográfico, histórias de vida e fragilidades que se assemelham, esses sujeitos têm suas individualidades, preferências e inclinações particulares. Mesmo as atividades obrigatórias de caráter educativo dividem opiniões, como pode ser visto a seguir.

**Adolescente F:** *Gosto dos cursos do SENAC. Participar de campeonatos de futebol e de xadrez. Não gosto da palestra do Narcóticos Anônimos (NA).*



**Adolescente H:** *Gosto da oficina de drogadição. Não gostei de poesia e nem do desenho de mandala (pintar flores).*

Enquanto o adolescente F diz não gostar da palestra dos narcóticos anônimos, o adolescente H diz ter apreciado a atividade. As respostas comprovam a importância de levar em consideração as individualidades e particularidades, rompendo com o caráter homogêneo com que as atividades são propostas. Nossa interpretação vai na esteira de Giddens, quando afirma que “Embora o contexto cultural e social seja um factor que dá forma à identidade pessoal, a agência e a escolha individual são de importância central” (2001, p.30). Isso reforça que dar aos adolescentes o poder de escolha para participar das atividades poderia ser favorável para seu envolvimento.

Não podemos deixar de mencionar o ar de passividade de certos adolescentes em suas respostas. Muitos disseram gostar de todas as atividades, ou que aprenderam a gostar enquanto participavam delas. Outros admitiram se sentirem na obrigação de realizá-las para cumprir regras e contribuir com a evolução de um bom relatório que os ajude a sair da Fundação CASA. A inércia com que dizem gostar ou não das propostas nos remete às inferências de Foucault (2013), ao relatar: “Ao primeiro rufar do tambor, os detidos devem levantar-se e vestir-se em silêncio, enquanto o vigilante abre as portas das celas. Ao segundo rufar, devem estar de pé e fazer a cama. Ao terceiro, põem-se em fila para irem à capela, onde se faz a oração da manhã” (FOUCAULT, 2013, p. 42).

Nos meandros das respostas curtas, foi também evidenciada a preferência deles por determinadas atividades em detrimento de outras, como maior interesse em participar de atividades práticas nas áreas esportivas, na área musical, cursos artísticos e profissionalizantes que envolvem ações práticas imediatas. Em contrapartida, apresentam maior resistência às atividades teóricas.

Quando perguntados sobre internet e redes sociais, disseram não ter acesso dentro da instituição. Mesmo havendo uma sala de informática equipada com 07 computadores, eles não podem usar a internet. Quando são levados para a sala de informática é com a



finalidade exclusiva de realização de atividade programada, acompanhados por um educador e um segurança que fica na porta de entrada.

Quando questionados sobre o que gostariam de ver na TV, caso pudessem escolher, cinco entrevistados (33,4%) disseram filmes; quatro (26,7%) preferem jornal e o mesmo percentual se aplica a programas esportivos. Os demais programas indicados apareceram com números entre duas e uma indicação cada, como novelas (2), desenhos (2), *Passa ou Repassa* (1), *Encontro com Fátima Bernardes* na Globo (1), *Programa Sílvio Santos* (1), *Encrenca* na Rede TV (1), *A praça é nossa* no SBT (1), *É de Casa* na Globo (1), *Master Chef* na Band (1), Séries (1) e os que não têm preferência por algum programa de TV (4).

Os jovens foram questionados também sobre a diferença entre vivenciar a arte e cultura na Fundação CASA e em suas comunidades, com seus familiares e amigos. Para oito adolescentes (54%) a diferença principal é a falta de liberdade para escolher o que gostaria de fazer dentro da Fundação, o que os torna limitados nas escolhas, além da obrigação de participarem do que lhes é oferecido com o discurso de que a participação deles nas atividades os ajudam a sair da Fundação CASA. Eles comentaram ainda que diante dos familiares e amigos se sentem livres para escolher o que gostam e estão em companhia das pessoas que amam.

**Adolescente J:** *Lá fora tem a liberdade de escolher, mas aqui dentro faço para ser ajudado e para aprender.*

**Adolescente K:** *Na Fundação é obrigado a participar de coisas que não gosto e com a minha família é mais agradável. Aqui dentro é limitado e lá fora tenho a liberdade para escolher.*

**Adolescente L:** *Lá fora é diferente porque você vai estar com as pessoas que você gosta e não vai estar com a mente perturbada. Aqui dentro não tenho a liberdade para escolher o que eu quero ver.*

Por outro lado, cinco jovens (33%) contaram participar mais de atividades relacionadas à arte e cultura dentro da instituição do que fora dela e relataram ter contato com oficinas que não conheciam ou não se interessavam antes. Outro jovem disse que a



principal diferença era estar preso. E, por último, um respondente afirmou não gostar de arte e cultura.

A fala dos adolescentes deixa evidente que a liberdade de escolha é um ponto importante, mesmo que as atividades sejam interessantes na Fundação CASA. Os jovens sentem sua autonomia, sua agência tolhida e sentem o peso disso. Mais do que isso, sentem o peso de distinguirem um 'eu' anterior e outro posterior à internação. Quando um jovem fala que a principal diferença é "não estar com a mente perturbada" e outro diz que o fato de ele estar preso é a principal diferença, nota-se que eles se veem como indivíduos diferentes dentro e fora da instituição. A diferença está neles, na condição em que se encontram e o que ela repercute na saúde mental e na aptidão para a cultura e o lazer. Assim, conforme posto por Feffermann (2021), este cenário é pouco promissor para jovens que fazem parte da população mais afetada pela desigualdade social. Ou seja, a privação de liberdade, anulação do gosto e demais facetas de exclusão internas e externas à instituição podem gerar uma espécie de desestímulo em participar e avaliar criticamente as atividades oferecidas.

Os dados, por fim, fazem surgir o dilema: como é possível amparar adolescentes privados de liberdade por meio da socioeducação em curto espaço de tempo, estrutura física deficitária, recursos materiais e humanos limitados e insuficientes, escassez de acesso a bens artísticos e culturais, diante do constrangimento estabelecido no disciplinamento rotineiro? Ao mesmo tempo, quando os jovens retornam ao meio externo, para suas origens, irão se deparar com a mesma realidade de antes – realidade desejada por eles, com a qual se identificam, mas que não conta com uma rede de apoio externo para dar continuidade ao processo de recuperação. Com isso, uma parcela deles acaba na reincidência, com regresso à Fundação CASA.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, até aqui, refletir sobre o consumo cultural como prática socializadora e traçar um diagnóstico das propostas culturais da Fundação CASA. Ressaltamos a



importância da valorização do gosto e do consumo cultural dos adolescentes em seu processo de ressocialização. Verificamos que ainda existe espaço para os adolescentes se socializarem por meio do consumo de produtos culturais, entretenimento e lazer.

A análise do repertório cultural dos adolescentes revelou limitações de acesso e pouca sintonia das ofertas das instituições de socialização com o *habitus* cultural desses jovens. Enquanto a escola apresenta iniciativas de visitas a museus e teatro, no bairro os jovens vivenciam festas e círculos de lazer distintos daqueles propostos pelas instituições formais, que não dialoga com seus gostos. Ressaltamos, portanto, a importância de se ter o Estado como promotor de políticas culturais acessíveis nas diversas opções, oferecendo acesso e desconcentração cultural, ou seja, promovendo a democratização da cultura.

Foi constatado também que os jovens detêm pouca autonomia para escolher as atividades realizadas em grupos e organizadas por educadores que os acompanham na rotina socioeducativa, encarando as atividades com certa passividade. Os adolescentes são orientados a participar dos cursos e oficinas ofertadas. Sabendo disso, mesmo que não conheçam e não gostem das atividades, se sentem obrigados a realizá-las, pois temem ser prejudicados durante o percurso avaliativo da medida socioeducativa. Assim, a medida socioeducativa aplicada aos jovens privados de liberdade se alinha aos padrões da moral social e do poder legal institucional, estabelecidos para o disciplinamento da sociedade baseado no “vigiar e punir”, asseverando Foucault (2013).

No geral, a pesquisa com os adolescentes, no que se referente ao acesso cultural, demonstrou que a oferta cultural promovida pela instituição não leva em consideração o gosto prévio dos adolescentes e as poucas opções apresentadas eram sentidas como impostas a eles. É sempre válido retomar Paulo Freire (1997) em sua incessante defesa pela valorização dos saberes e da realidade social dos indivíduos, priorizando seu contexto e autonomia. Sem a liberdade de escolha diante da coerção sofrida e da falta de diversidade cultural, os jovens se viam obrigados a realizarem o que fosse disponibilizado a eles. Com isso, esses adolescentes perdem a chance de interagir, aprender e vivenciar plenamente ofertas culturais que contribuam, de fato, para a ressocialização.





Por parte das instituições socializadoras, possíveis soluções para sanar esses problemas seriam aplicar a escuta ativa, a fim de considerar os adolescentes como protagonistas de suas vivências culturais; aumentar as opções culturais para que possam ter poder de escolha entre as atividades propostas e a revisão da obrigatoriedade da participação nas oficinas e atividades ofertadas. Com maior sintonia entre a casa, a rua e a Fundação, o sistema socioeducativo poderia aprimorar uma das dimensões fundamentais da ressocialização.

## REFERÊNCIAS

- ABOBOREIRA, Ariane; BORELLI, Silvia H. S. *“Curtindo meu bairro”*: ações cidadãs e intervenções urbanas mediadas pelos programas Jovens Urbanos e VAI (São Paulo, Brasil). 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLASCO; São Paulo: EDUC/PUC-SP; Manizales: Universidad de Manizales; Sabaneta: CINDE, 2021.
- ASSIS, Simone Gonçalves de; FEIJÓ, Maria Cristina. Jovens infratores e a exclusão social. Rio de Janeiro: Fiocruz, *Estudos de Psicologia*, v. 1, p. 157-166, abr. 2004.
- BEKESAS, Wilson R; RIEGEL, Viviane; MADER, Renato V. Consumo midiático juvenil em experiências cosmopolitas: entre o entretenimento global e as práticas locais. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 13, n. 36, p. 112-130, jan./abr. 2016.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BRASIL/Br. 2019. *ECA-Estatuto da Criança e do Adolescente*, lei 8069 de 1990. Brasília/DF: Imprensa oficial.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos; conflitos multiculturais na globalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.
- CASTILHO, Ricardo. *Direitos Humanos: processo histórico-evolução no mundo; direitos fundamentais: constitucionalismo contemporâneo*. São Paulo: Saraiva, 2010.
- CRESWELL, John W. *Projeto de Pesquisa*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DEMETERCO, Solange. M. S. *Sociologia da educação*. 2ª ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.



FEFFERMANN, Marisa. *Estado Penal, proibicionismo e criminalização: o que resta para os jovens trabalhadores do tráfico de drogas*. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLASCO; EDUC/PUC-SP; San Pablo; Manizales: Universidad de Manizales; Sabaneta: CINDE, 2021.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Tradução: Pedro Elói Duarte. Edições70: Lisboa, 2013.

FRANCISCO, Julio; MARTINS, Marcos. Adolescentes em privação de liberdade na Fundação Casa – Sorocaba/SP: ato infracional e processo educativo. *Série Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, (38), 2014, p. 183-201. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/741>. Acesso em: 15 jan. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

GIDDENS, Antony. *Sociologia: Cultura e sociedade*. Traduzido do Inglês em sua 4ª edição em 2001. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 6ª edição, 2001.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KRUPPA, Sonia Portella. *Sociologia da Educação*. São Paulo: Ed. Cortez, 1991.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: Uma introdução à Teoria Ator Rede*. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo, Loyola. 8ª ed., 2005.

MALLART, Fabio. *Cadeias dominadas: a Fundação CASA, suas dinâmicas e as trajetórias de jovens internos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2001.

MARZOCHI, Andréa Souza. *História de vida dos jovens da Fundação CASA: o lugar da escola nessas vidas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

OLIC, Mauricio Baci. Entre os Dispositivos e as Disposições. *Ponto Urbe* [Online], 12ª ed., 2013, consultado o 21 setembro 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/573>. Disponível em: 21 set. 2022.



ORTIZ, Renato. Diversidade cultural e cosmopolitismo. *Lua Nova*, n. 47, São Paulo, 1999.

SÁ, Simone Pereira. Cultura digital, Videoclipes e consolidação da Rede de Música Brasileira Pop Periférica. *Revista Fronteiras-estudos midiáticos*, Niterói, v. 21, n. 2, p. 21-32, ago. 2019.

SOARES, Thiago. Abordagens Teóricas para Estudos Sobre Cultura Pop. *Logos*, 41 Cidades, Culturas e Tecnologias Digitais, Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, p. 68-81, 2014.